

ERA NOVA

NUM. 30

AS RAINHAS DA FORMOSURA PARAHYBANA



Sta. HYLDA NETTO que obteve o 2.º lugar no concurso de belleza n-este Estado

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos
expendidos nos artigos de seus collaboradores.

ANNUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

SUMMARIO

- I** — O Patrono das nossas finanças — *Redacção*
II — Impressões de momento — *Castro Pina*
III — Versos de *Egnydio de Miranda*
IV — A Questão de Bandeira — *Redacção*
V — Trecho de um romance — *Penalva Netto*
VI — A pról do ensino — *S. Guimarães Sobrinho*
VII — Bihete — *Quilomur*
VIII — Um pintor parahybano *Lucillo Vazão*
IX — Memórias de um Antepassado — *Da Silveira e Mello*
X — Delicias da fazenda — (versos) — *C. Nery Campelo*
XI — Era Nova — *Redacção*
XII — Fulôreios — "
XIII — Um romance de costumes parahybano — *Paulo de
Mogalhães*
XIV — Na corte de D. Bio — *Horacio de Almeida*
XV — Notas elegantes — *Redacção*

Varias Noticias

ASSIGNATURAS

Capital	{	Anno - - - - -	145000	Interior	{	Anno - - - - -	185000
		Semestre - - - - -	75000			Semestre - - - - -	105000
		Numero avulso - - - - -	\$600			Não ha venda avulsa	

Numero atrazado 15000 • AVENIDA GENERAL OSORIO • Pagamento adiantado

“Vender barato, para vender muito”

É O LEMMA POR QUE
SÃO PREFERIDOS OS MOVEIS

DA

SERRARIA NAUJARRO

F. Navarro & Filho

MACIEL PINHEIRO, 452.

PARAHYBA DO NORTE.

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

ASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade



**Especialistas das afamadissimas
marcas de cigarro:**

Deliciosos, Populares, Epitacio Pessoa, antes Darnont, Amorim, Ineão Leal,
18, Isia, mart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Perolas Finas, Morenos, Palha, Cor-
tiça, Hilda, Commercias, 5 de Agosto, Globo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitos, Lucy, Pernambucanos, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Luena,
Nabuco, Progresso, Buquets, Ambreados, Cigarrilhos Bahianos, Electra, Brasil Club, Mariotto, Ve-
nancio Neiva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturosos, Mimosos, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
licados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotte, Fidalgos, ante A. 111110, Dois Amigos, em Rival, e outras
innumerables marcas. — Fabricados com fumes de primeira qualidade.

Mantêm sempre grande stock de charutos das melhores fabricantes da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS 340 OPERARIOS



Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

PREFIRAM A

"PHOTOGRAPHIA COLOMBO"

Compra e vende MACHINAS PHOTOGRAPHICAS USADAS

NO BECO DO ROSARIO, 119.

SA' LEITÃO & C.

ARMAZEM DE FERRAGENS — FUNDADO EM 1872

65—RUA M. PINHEIRO—65

PARAHYBA DO NORTE

End. Telegraph.: **BALISA**

Grande Armazem de Miudezas e Perfumarias

CARVALHO BASTO & C.

Importadores de mercadorias nacionais e estrangeiras

End. Telogr. — **ALZIRA.** — — — Caixa Postal, 98 — — — Telephone n. 263.

91 — Rua Mael Pinheiro — 91. ★ **PARAHYBA DO NORTE.**

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar
DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVAS

F. H. VERGARA & C.^{IA}

VIASOS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerozene, Arame farpado, Ma-
deiras, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz
a vapor, Retinação de
assucar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Vilões em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Machado, 6.—R. Desemb. Trindade, 14
e 16.—Praças Santos Dum. nt e 15 de Novembro.

End. Tel. **Vergára**—Parahyba

ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

ANNO II

Parahyba, 1 de Novembro de 1922.

NUM. 36

SOCIEDADE ANONYMA - OFFICINAS GRAPHICAS DA "IMPRESA OFFICIAL"

Directora: Severino de Lucena e
S. Guimarães Sobrinho

Secretario - Epitácio Vidal
Redactor - Vitor de Alencar

Director-commercial - Lima Junior
Director-artista - Marcolino Nacra

O PATRONO DAS FINANÇAS PARAHYBANAS



Só agora se nos offerece oportunidade para alguns ligeiros commentarios em tôrno á mensagem que o senhor Presidente do Estado apresentou ao legislativo a primeiro de setembro ultimo, quando da iniciação dos trabalhos da presente legislatura.

Antes de mais nada e acima de tudo, é de justiça salientar o criterio de clareza e de exacção no expor os factos, que presidiu á elaboração desse documento em que o illustre chefe do executivo deixou nitidamente reflectido o estado dos negocios publicos e a verdadeira situação economico-financeira da Parahyba.

Foi uma exposição clara e concisa, admiravel de senso e precisão, baseada na propria evidencia dos factos e nos argumentos irrefutaveis dos algarismos, a que o senhor Solon de Lucena fez aos representantes do povo, dando conta, mais uma vez, da marcha da administração estadual, no seu segundo anno de governo, que decorre sob os melhores auspícios

Através dessa mensagem vê-se bem o que tem sido a actual gestão presidencial. Apparece logo á prima vista, impondo-se na sua evidencia, o alto criterio de honestidade sem quebra que vae inspirando todos os actos do Presidente do Estado, com o seu zêlo sempre demonstrado por tudo que respeita aos interesses vitais da collectividade.

Allás é esta uma verdade sabida de todos que vivem na Parahyba e assistem com os proprios olhos ao estorço, indefessavel de modo

no no sentido de levar as nos finanças a uma situação lisongei imprimindo o maior cunho de crupulosa economia ás despesas do Estado e procurando incentivar quanto possível a produção da riqueza publica. Ninguém nem talvez proprios adversarios politicos do senhor Solon de Lucena, deixa fazer esta justiça ao administrador inatacavel das nossas finanças, homem que tem sabido collocar acima de tudo, os interesses da Parahyba, affirmando-se brilhantemente

um estadista de alto descortino e da mais ampla visão das necessidades publicas.

Ahi está aos olhos de toda a gente o que tem sido o governo do senhor Solon de Lucena. E como muito bem disse s. exc. na mensagem, si considerarmos a precariedade financeira em que nos deixou o quadriennio anterior, "viximus, desce quase milagre de equilibrio, o esforço do administrador que se agarrava á vintena do Theodoro, no objectivo de levar as finanças a uma situação mais firme e

maticamente ás solicitações, quando implicam despesas adfaveis, ou a ellas se oppondo desabaladamente quando não consultem aos interesses do Estado.

São as proprias cifras apresentadas que melhor evidenciam a verdade destas palavras, no capitulo que o Presidente dedicou especialmente ás nossas finanças. Por ahí se vê, com effeito, que só um govêrno empenhado seriamente na obra ingente do soerguimento economico do Estado, não tendo em vista sinão exclusivamente servir a causa publica, scria capaz de nos livrar da derrocada em cuja imminencia estívimos com o esgotamento completo dos nossos redbitos, justamente — estu- pendo paradoxo! — após uma administração em que a Parahyba nadou em ouro.

Outra parte da mensagem presidencial que merece particular destaque, é o capitulo em

que o govêrno apresenta algumas louvaveis suggestões sobre a melhoria das condições do funcionalismo estadual que atravessa, neste momento, uma situação devêras angustiosa diante da carestia da vida actual e da mingúda remuneração nos seus vencimentos. S. exc., o sr. Presidente, se interessa pela solução deste problema que affecta fundamentalmente a vida collectiva do Estado, ponderando, ainda agora, ao legislativo a necessidade urgente de medidas tendentes a alliviar este estado de coisas, de accôrdo com as possibilidades do erario publico.

Tal o homem sob cuja guarda estão hoje os destinos da Parahyba, tal o illustre estadista que, ha dois annos, tem sido o patrono das finanças parahybans, com as suas virtudes de cidadão e o seu entranhado amor á nossa terra.

Ao lado de tudo isso, ha na personalidade

do senhor Solon de Lucena uma faceta verdadeiramente digna de nota, que é a do espirito profundamente liberal que s. exc. se tem revelado no govêrno da Parahyba, inaugurando, na nossa politica, uma phase dos mais largos principios democraticos. S. exc. é bem a encarnação de um chefe d'estado consciente da nobreza da sua missão de guieiro de um povo. E á Parahyba, esta terra de promessas maravilhosas, elle vae dando, nesta árdua tarefa de governá-la, todas as suas energias, todo o seu esforço por vel-a grande e prospera.

A logica eloquente dos factos está a dizer o que tem sido o govêrno que vem de completar o seu segundo anniversario sob as bençãos de um povo agradecido ao homem que tem sabido rumar os nossos destinos por uma trilha de labor, paz e prosperidade.

IMPRESSÕES DE MOMENTO

CASTRO PINTO

A Novella—Com os dois ultimos numeros que recebi, devidos ao talento de Alcides Bezerra e á brilhante precocidade de Adhemar Vidal vae essa auspiciosa publicação firmando definitivamente os seus credits.

O fracasso importaria num verdadeiro desastre para o progresso intellectual do nosso Estado.

E' de se prever que os futuros colaboradores amarem um pouco desse litoral poetico mas que degenera em monotonia quando o scenario não muda, qual é da exclusiva ambiencia do sertanegismo que desde o segundo numero vem insistindo na escolha do thema.

Não é só o meio sertanejo a vida local de uma terra como a Parahyba.

Outros aspectos se desdobram ao observador, e a sociedade urbana tambem offerece interesse na riqueza dos documentos e na variedade dos phenomenos.

O trabalho nas cidades, se não é

lão pinturesco como nos campos, é uma vasta escola de cambiantes arestas e serios problemas. Os vicios e sestros das gentes, no lar, na rua, na officina, nas casas de diversões e ás vezes nas casas onde elles não deviam nunca apparecer como nas escolas e nas repartições publicas, são da jurisdicção do romancista, havendo a bôa intenção e o commedimento indispensavel.

Mas, é meu parecer, volte-se novamente *A Novella* para o historico, de quando em quando, nas pegadas do'«O Algoz de Branca Dias», a chave de ouro com que abriu a edição a mão abençoada de Carlos Fernandes, cuja obra é o orgulho da Parahyba e o seu mais rico patrimonio depois da gloria inatingivel de Epitacio Pessoa.

Tudo ahí está, filão soberbo a desafiar a curiosidade e o virtuosismo, comtanto que se evitem as resvaladoiras perigosas.

D'estes o mais tenebroso e traiçoeiro é da nudez viciosa e viciada do realismo, que só focalisa a realidade no que é baixo e vil, como se a luz no mundo exterior aproveitasse apenas as broncas saliencias do crime e da meseria.

Outro terreno incidioso é o do preciosismo na linguagem e o da sciencia incabivel, muitas vezes acotovelando os vocabulos e a se metter aonde não foi chamada.

Evite-se tambem a pieguice, o sangue pobre dos amarells, de olhar apagado e physionomia inexpressiva.

Tomem cuidado com a factura do humorismo. Nem todos ganharam da Providencia o dom rarissimo com que José Americo de Almeida sabe cinzelar os seus arabescos de graça incomparavel.

Quanto ao vernaculo façam o possivel, e não se incomodem muito com a cousa.

Vive aqui um parahybano obsequioso

VERSOS DE EMYGDIO DE MIRANDA

... A DOR ...

Ao primoroso escriptor José Americo de Almeida

Arrancado por Deus á vastidão do Nada,
O Ser Humano viu na aurora da existencia,
Não o regio fulgor da Ventura e Clemencia,
Mas a noite sem fim, da Dor, erma e fechada.

O fructo prohibido, o pomo da Sciencia,
Que o primeiro casal devorou, tinha em cada
Pomo o amargo sabor da Dor já propinada
Aos Humanos, por Deus, num fructo em florescencia.

Assim a Dor nasceu co'a pobre Humanidade,
Annulou-lhe o poder sublime da Vontade,
Abrando-a brutal por t dos os escóelhos . . .

E quando a Humanidade amortecer um dia,
A Dor ha de assistir-lhe o transe da agonia,
Chorar qual crocodilo . . . e lhe cerrar os olhos! . . .

SE JESUS VOLTASSE ...

Ao FRANCISCO MENDES

Entre a turba cruel, fanatisada,
E os doutores da Lei, dos Phariseus,
No Calvario morreu a humanizada
Figura egreja do Propheta-Deus.

No entanto Christo teve a sublimada
Assistencia evangelica dos seus:
— Maria, Pedro, a Magdalena amada
E a dor leal dos outros Galileus . . .

Morreu, é certo, mas reconfortado,
Por ver nos rostos que o haviam amado
A amargura mais funda e mais sombria.

Mas hoje, se elle se sacrificasse,
Teria tão sómente em sua face
O pranto inconsolavel de Maria! . . .

de um talento e de uma erudição admirável com o orçamento de empregado publico sempre em *deficit*, o qual enche de erratas, com a autoridade de Camões e de Vieira, as margens de todas as publicações que lhe cahem sob os olhos inclusive as dos chamados vernaculistas.

O que parece preocupar um pouco os autores das novellas é a redacção dos dialogos em dialectação regional.

Esses opusculos, circulando no paiz e fóra d'elle, levam em taes dialogos verdadeiras pepitas de interesse linguistico, porque é um mostruario importante do fallar do povo em certas regiões do Brasil.

Mas não é nada facil redigir a linguagem popular.

Não temos um vocabulario e tão pouco uma grammatica dessa linguagem, pelas quaes se aferisse a justeza da phrase, a propriedade dos termos e a construcção oracional em uso entre o povo.

Um plumitivo conhecido que levaria a cabo um tentamen nesse sentido;



Senhorita ALICE SANTA CRUZ, da Elite social de Alagôa do Montez.

é o juriconsulto paraibano, José Rodrigues de Carvalho, se o peso da

li'ho permittissem, durante longos annos de observação, accumular as notas, synthetizando o que é fixo e geral entre o que é fluctuante e transitorio na tendencia dialectal que o portuguez soffre entre nós por fatalidade de clima e de costumes.

E, gravar no livro trechos de legitimidade incerta, é contribuir de algum modo com um desserviço á causa que um tão bello emprehendimento abraçou, para gaudio e proveito de todos.

São conselhos de velho, sem a minima pretensão nem mesmo a de orientar os espiritos jovens com a experiencia de quem lê ha muitos e pesados annos, e os votos de quem sempre recebe um numero d'*A Novella* com um alvoroço no coração, semelhante ao de quem vê a entrar em casa um amigo cheio de saúde, de alegria e de esperança.

A QUESTÃO DA BANDEIRA

PATRIOTISMO VERMELHO

A PALAVRA DO PRESIDENTE

Numa das ultimas sessões da Assembléa Legislativa nesta quinzena, o acendrado patriotismo dos srs. deputados degenerou na mais lamentável anarchia, que ainda houvermos de presenciar.

Trabalva-se do projecto da extinção da Bandeira do nosso Estado, assumpto que deveria prezar carinhosamente a attenção de nossos parlamentares pela sua natureza e importancia. Infelizmente, ha sempre nessas discussões calorosas uns pontos mal entendidos que acirram e ferem o amor proprio dos contendores esquecidos da nobre funcção que exercem e das contias que têm de dar ao povo de quem são legítimos mandatarios.

Não apontamos responsaveis, não decimamos nomes. Falamos em these, com o respeito que nos merecem os legisladores parahybans.

O nosso periodismo na imprensa indigena não nos dá margem a que discutamos os assumptos na epoca de sua origem.

Tambem o tempo de antecedenca com que nossa revista entra para o prelo muito concorre por que não possamos commentar os factos na sua devida oportunidade. Póde ser mesmo que quando este numero for exposto á venda, o patriotismo vermelho dos nossos congressistas haja de registar factos mais deploraveis do que os occorridos na sexta-feira, 27 do mês que hontem findou.

O tempora! o mores!

E' do teor seguinte a mensagem que o Presidente Solon de Lucena enviou á Assembléa e onde se patenteia a fundada opinio de s. exc. a respeito do magno assumpto:

Exmos. Srs. Membros da Assembléa Legislativa do Estado.

Cumpro o grato dever de levar ao conhecimento de v. v. excias, o telegramma official, do exmo. sr. presidente do Paraná em o qual me communica s. exc. haver dirigido ao Congresso Legislativo daquelle Estado uma Mensagem especial, pedindo revogação da Lei que adoptou bandeira e hymno distinctos para symbo lo estadual dentro da Federação.

El-o: «As 12 horas e 30—Repartição Geral do Telegraphos—Telegramma—ende-reço—official, Presidente Estado—Parahyba—de Curitiba—n.º 417—palavras—97 data 15—horas 17—Tenho ás honra de communica a v. exc. que Mensagem dirigida Congresso Legislativo Estado pedindo revogação Lei que adoptou Bandeira hy no Paraná cujo teor transmiti v. exc. telegramma 7 corrente tem merecido apoio Municipios Poder Judiciario representação Federal, Imprensa, Congregações, Faculdades Superiores, classes academicas, povo deste Estado certo estou de que v. exc. como brasileiros patriota tomara nesta prospera circumscripção Republica iniciativa para que se torne victoriosa em tudo paz um idéa inspirada pelo mais elevado sentimento civico em prol unidade Patria, Gordias suadações, Munhoz da Rocha—presidente Estado»

Accusando ao appello patriótico do sr. dr. Munhoz da Rocha e, tendo a convicção individual de que a grandeza do Brasil ha de resultar do estreitamento, cada vez maior, dos laços economicos, ethnicos, psychológicos e culturaes que ligam tolos os Estados da Federação, resolvi submeter a suggestão que alli me fez s. exc. ao alto discernimento e esclarecido criterio dessa nobre corporação, esperando do patriotismo com que v. v. excias costumam encarar os problemas de nossa nacionandade a solução justa para o caso ora em loco.

A iniciativa do illustre presidente do Paraná, partindo de um Estado sulista, onde mais se tem radicalto os elementos e os nobilitas, que de tolos os pontos do velho mundo, alli procuram uma nova Patria, atrahidos pela suavidade do clima quasi europeu, é ao que me parece, o primeiro brado da consciencia nacional em prol da unificação definitiva dos Estados da Federação e o reatar do fio historico da tradição unitaria partido nos dois memoriaes da constituição, com a descentralização das provincias do Imperio. De uma patria boa, pela lingua, pelas raças pelos costumes, pela tradição e pela historia, fizeram-se, no pacto de 24 de fevereiro, vinte patrias politica e economicamente, distinctas. Mas, apesar disto, tudo nos está a indicar que os interesses nacionaes são os mesmos em todo o Brasil e os problemas concernentes ás varias regiões que o constituem, são, antes de tudo, problemas nacionaes.

Sulistas ou nortistas, fatamos a mesma lingua, temos trabalhado junctos os mesmos destinos, e escripto com feitos heroicos, una mesma historia debaixo do mesmo pavilhão.

Armas parahybans ou pavilhão paranáense são tolos muito respeitaveis, mas, valem apenas como elementos que se integram nas armas gloriosas da Republica ou na constelação symbolica de nossa Bandeira.

A Lei n.º 286, de 21 de setembro de 1907, que nos deu armas e Bandeira, no significado mais elevado dos seus termos, apenas é sagração de uma forma constitucional, uma concessão ao espirito do tempo.

E', pois, minha opinio individual que sua revogação seria um testemunho de affecto á grande Patria commum e uma affirmação de que aos «Estados da America Portuguesa» tudo os une e nada os separa.

Quilquer, porém, que seja a solução offerecida, accitarei o juizo dessa egregia Corporação, certo como estou da superioridade de suas vistas e patriotismo de suas decições.

Prevalecendo-me do ensejo reitero a v. v. excias, os meus protestos de elevada estima e distincta consideração. — Saúde e Fraternidade.

SOLON DE LUCENA

Dr. Joaquim Pessoa

Acompanhado de sua exima, familia e dignissima genitora *mmé*. Clementina Cavalcante, embarcou-se no dia 23 de outubro transacto para o Rio de Janeiro o nosso distincto amigo sr. dr. Joaquim Pessoa C. de Albuquerque, illustre membro da Assembléa Legislativa do Estado e delegado da *Exposição do Centenario*, na Parahyba.

Ao seu bota fóra na *gare* da Central, accorrem numerosos amigos, parentes e correligionarios que lhe foram apresentar votos de bonançosa travessia, notando-se alli a presença do ajudante de ordens do exmo. sr. presidente do Estado.

O sr. dr. Joaquim Pessoa C. de Albuquerque vai á metropole, a fim de tomar a frente da representação parahybana no grande certamen internacional do Centenario, devendo sómente estar de regresso a esta capital no principio do anno vindouro.

Ao prezado conterraneo e distincta familia desejamos que houvessem alcançado feliz viagem e seja propicia a sua estadia no Rio de Janeiro.

Estrada de ferro de Bananeiras

Realizou-se a 22 do mês findo, commemorando o 2.º anniversario do benemerito govêrno do dr. Solon de Lucena a inauguração do trecho da estrada de ferro até a bocca do Tunnel, em Bananeiras. Já estando quasi prompta a presente edição, sómente no proximo numero poderemos publicar uma reportagem circumstanciada, com illustrações dos principaes aspectos das festas e das obras levadas a effeito, sob a direcção dos drs. João Holmes e Marques de Azevedo.

Entretanto, deixamos aqui expressos os nossos agradecimentos pelo modo por que foram acolhidos o nosso director Severino de Lucena e companheiros Ranulpho Guimarães e Lima Junior e os nossos photographos.

"A NOVELLA"

Direção de ADHEMAR VIDAL

Magazim MODERNO de grande divulgação

CAIXA POSTAL, 18. — Parahyba do Norte

A PRÓL DO ENSINO

O preterito governo Camillo de Hollanda teve um gesto acertado creando uma escola normal no alto sertão.

Eu mesmo saí da minha mediocridade, para traçar algumas linhas em applausos áquelle assisado acto.

A escola de Cajaseiras, dizia eu então, vem diminuir a estrepitosa abundancia de nossos analphabetos; dar-lhes um pouco de estímulo e os incitar para o culto das letras.

De feito, as escolas equiparadas no centro do Estado é o unico meio que vemos para, de accôrdo com a moralidade mantida pelos governos, se diffundir a instrução popular.

Outras pedessem ser creadas e a luz ir-se-ia espalhando por todo o territorio parahybano.

Com estabelecimentos que dispuzessem de um corpo docente habilitado, os nossos patriocios chegariam a adquirir regular instrução, que traria, por força, a evolução moral do Estado.

A ninguem, que se preze de bom senso, é licito desconhecer que é do numero de analphabetos que depende a retrogradação de um povo. Aqui seria já superfluo insistirmos nessa iterativa verdade.

Infelizmente, por falar sem rebuços nem euphemismos, a instrução em quasi todo o Brasil está acephala, á falta de caracteristicos brasileiros, não adiantando ao nosso progresso e á nossa civilisação.

Somos pomposos em programmas, que outra cousa não fazem senão attestar lá fóra a nossa eterna megalomania. Si os realizassemos, nos caberia o primeiro logar no scenario dos povos civilisados.

Particularmente, ao que cabe á Parahyba, o como é a instrução pouco cuidada e pouco levada a sério! O como as escolas publicas, são, na sua quasi totalidade, desprovidas de moveis necessarios e apparatus imprescindiveis para a boa marcha do ensino! O como os predios são sem as accommodações exigidas, estreitos, acanhados e sem hygiene! A carencia de mappas do Estado, por onde os alumnos possam apprender a nossa corographia! E a todas essas lacunas accresce a da minguada paga do professorado; lacuna essa fundamental, que resulta a renuncia das exceptionaes vocações ainda estantes do magisterio.

As escolas no interior não são fiscalisadas; nas sêdes das comarcas os cargos de inspectores são exercidos pelos representantes do ministerio publico a quem varias e poderosas circumstancias impedem o exercer rigorosamente

essa gratuita missão, e, nos villos, os adjunctos de promotores em sua maioria, mal sabem pôr o attento affirmativamente nos attestados de frequencia dos professores.

A funcionarios desse jaez é que estão entregues incumbencias num dos ramos mais importantes da publica administração.

Como, pois, salvar-nos dessa anarchia?

Resta aos governos se interessarem meticulo-samente de como corre no interior o ensino primario.

Isto far-se-á com a restauração dos cargos

sua ultima mensagem attinente a este assumpto, onde diz acertadamente não crear novas escolas enquanto não dotar as existentes do material preciso para sua regular funcionamento.

Pôde ainda o sr. Solon de Lucena, nos dois annos que lhe restam, esboçar essa grande obra que os seus successores completarão, se tanto lhes ajudarem o ingenho e as finanças.

Todavia, enquanto os governos nada pôdem fazer, devemos, pelo menos, auxiliar as iniciativas particulares, quando bem orientadas.

Os nossos legisladores, a exemplo do que



Fachada do Collegio do S. Coração de Jesus em Bananeiras

de inspectores regionaes, que fiscalisam as escolas de accôrdo com as determinações do director geral.

Essa medida será improficua si esses cargos tornarem-se simples sinecuras para o interesse do filiotismo. Deste modo, não teremos para quem appellar. Esperaremos que passe a época do protecccionismo.

Actualmente, o sr. Solon de Lucena, que tem apenas um biennio de governança, tem as suas vistas, num afanoso esforço, a torno da arithmetica do Estado, com preoccupações de usurario, a fim de reparar a criminosa prodigalidade do seu antecessor.

Por isso mesmo, o erario publico lhe não fornece azo para corrigir essas falhas que os descuidos e inobservancias dos outros accumularam.

Estamos certos, porem, que o administrador de hoje ainda não apagou o pedagogo de hontem; S. exc. conhece os males do ensino publico. E' o que se conclue do capitulo de

fizeram com o Collegio das Neves, cuja equiparação pôde parecer destoante, por desnecessaria, devcriam favorecer com essa medida um educandario situado na zona brejeira, onde aproveitassemos vocações que não medram á falta de recursos para frequencia da nossa Escola Normal.

Está nessas condições o Collegio do S. Coração de Jesus, na prospera e aprazivel cidade de Bananeiras. Superiormente dirigida por irmãs de caridade, aquella casa de ensino conta um avultado numero de alumnas, que gosam sobretudo das imprescindiveis vantagens do clima, que é saluberrimo naquelle rincão serrano.

Deste modo, a Parahyba ficaria com duas escolas normaes no interior: uma no alto sertão e outra em Bananeiras, cidade hoje servida por estrada de ferro, com faceis meios de communicacão com outros municipios.

Apparelhavamo-nos, dest'arte, para o combate da assustadora cifra de nossos analpha-

BILHETE

Minha cara Violeta

Não foi sem sustos que li a sua última carta.

Deu-me ela a impressão bem triste de que você vive esgarçando esse véo de pudor que a envolvia inteiramente, emprestando-lhe um ar de pureza que era uma verdadeira fascinação. Pois não é que você, minha cara amiga, além de ler, foi se aproveitar para sua carta do assumpto escabroso sobre que discorreu longamente o Elpidio de Almeida?! Este moço de via sobre todos os seus trabalhos collocar, em letras bem visíveis, um aviso de que a sua leitura era só permittida aos homens. Inadvertidamente fui uma vez ler um artigo desse joven medico sobre o problema nupcial, e, aos primeiros períodos, tive de abandonar o horrorisada, com o rosto em fogo e a consciencia escaldando.

Não sei como se tem em tão pouco apreço as conveniencias sociais. Nunca tinha visto um thema scientifico tratado com tamanho desrespeito á moral. Felizmente, em contraposição a taes destemperos moraes, havia as suas cartas, minha bôa amiga, sempre alentadas dumas idéas muito sãs e plausíveis, atraindo a curiosidade dos muitos leitores da «Era Nova», pelo brilho da forma com que você as costuma revestir. Avalie agora você qual não foi a minha surpresa, quando, procurando ler a carta que trouxe o ultimo numero da revista mencionada depara uma série de conceitos em torno ao trabalho do dr. Elpidio emitidos numa linguagem a que se não pôde deixar de retrahir, encolhida de sustos a nossa vergonha.

É possível, Violeta, que você se esteja rendendo a essas idéas subversivas do recato feminino que actualmente aizam o collo em nossa sociedade, ameaçando arrebatá-lo á mulher o prestigio que lhe dá mais valia, e que é o da pureza de seus sentimentos?!

Ah! se assim for quanto eu lastimo que a sua florescente intelligencia esteja a levá-la a fontes em que se vão corromper essas qualidades tão apreciáveis de sua alma e que constituíam o seu maior motivo de sympathia!

Não, minha amiga, não é assim que você deve esforçar-se por influenciar o nosso espirito.

Espulhe o germen de idéas que venham poderosamente contribuir para a bôa formação de nosso character, para melhor depuração de nossos sentimentos, fortificando a verdadeira noção de nossos deveres na sociedade.

Em lugar de acompanhar, opponha-se a essa corrente volumosa de fins claramente perversos que ora intenta dar á mulher uma educação livre e anti-christã.

Não é só do corpo que devemos nos preocupar, minha amiga. A alma merece attentões e mais acuradas. Deixemos o dr. Elpidio á cata de remédios para rejuvenescer e tratemos de dar serio combate a todos esses elementos que vão sotopando os nossos fundamentos sociais.

Pela preservação dos bons costumes é que você poderá concorrer para a supressão desses beijos por parte dos noivos nos recantos das janellas, minha Violeta; e não fosse você já casada e ainda estivesse na phase incógnita venturosa do noivado, eu era capaz de fazer um juizo temerario a seu respeito.

Pela segunda vez perde a impertinencia de sua amiga

QUIOMAR

PENSAMENTO

DE MARCO AURELIO

O mesmo que dizemos geralmente de um medico: que ordenou ao doente montar a cavallo tomar banho ou andar descalço, podemos dizer tambem da natureza do universo: que deu a tal ou qual individuo uma enfermidade, um padecimento, uma perda sensível ou outra cousa analoga. De facto, no primeiro caso, a phrase «ordenou» significa verdadeiramente: o medico poz em ordem os meios adequados para restabelecer a saúde ao doente; e no segundo caso significa tambem que a natureza poz o que a cada um de nós succede na ordem que convem á existencia universal; e dizemos «convenha», no sentido desta palavra empregada pelos architectos quando dizem que as pedras de silharia são a propósito para um muro ou uma pyramide, porque se adaptam bem umas ás outras para formar um conjunto. Em summa, só ha uma harmonia e assim como o conjunto de todos os corpos forma o mundo inteiro tal como existe do mesmo modo o jogo de todas as ecusas produz um effeito particular que se chama destino. O que estás dizendo agora, até os mais ignorantes o concebem. Acaso não dizem estes: «Seu destino assim o quiz», isto é, a coordenação immutavel das cousas? Acolhamos pois, o que nos succede como acolhemos as ordens dos medicos. Ha, de facto, muitas cousas desagradaveis no que estes ordenam, e, contudo, submettemo-nos voluntariamente a sua ordem, com a esperanza de nos vermos curados. Executa e cumpre, como se se tratasse de sua saúde, o que a natureza commum suppoz conveniente ordenar. . . Procura submeter-te ao que te sobrevinha, e por muito rude que isto te pareça, como se se tratasse de alguma cousa que deve contribuir para a marcha do mundo, para o exito das vistas de Jupiter e para o seu bom governo; pois tem presente que não causarás nenhum dano a ninguém, se não se ventilaram os interesses do universo. A natureza commum não produz nada que se ache em harmonia perfeita com o que governa. Eis aqui duas razões pelas quaes deves aceitar voluntariamente o que te succede: a primeira, porque foi destinado para ti, coordenado para ti, e que te pertence de certo modo por estarellido acima de tua comprehensão por uma relação de causas; e a segunda, porque o que corresponde a cada um em particular, contribue para o bom andamento das vistas de Jupiter, que governa todas as cousas, dando lhes perfeição e consistencia.

O Grande Todo ver-se-ia mutilado, se pudessem subtrahir-lhe uma parte sómente das que o constituem, só uma causa das que asseguram sua continuidade; logo, quando supportas com difficuldade algum accidente considerando-o de certo modo fóra da ordem natural, é como se fizesses essa subtracção

belos. Abi está uma idéa que a muitos poderá parecer abstrusa, mas não vemos que se lhe possam topár objecções de natureza alguma.

Deixamol-a ao consenso dos que ainda cuidam das coisas relativas ao ensino publico.

O sr. Soton de Lucena bem poderia acrescentar, ao muito que tem feito a prôl de seu berço, mais esse melhoramento de monta, que beneficiará, de conseguinte, a toda instrução publica do Estado.

S. GUIMARÃES SOBRINHO

CAMISAS E PIJAMAS?

Uma opinião unânime! — Todos querem da «CASA COLOMBO»

NUMA ESCOLA — A professora, diante da classe de 1.º anno, dá uma lição interessante, a respeito de animaes. E, chegada a occasião, trata do tamandua bandeira, cuja gravura mostra á pelizada, impressionada á vista daquelle bicho de cauda espanejante e de lingua filiforme, atenta a penetrar em formigueiros profundos.

Durante a explicação, Zelita, de 6 annos, de faces cor de rosa e olhos redondos como duas contas, attenta, parecia beber avidamente, as palavras da mestra querida e admirada.

A lição de historia natural seguiu-se uma outra, de civismo, a respeito da bandeira nacional, lição que Zelita ouviu tambem attentamente.

Passam-se alguns dias. Ha na classe uma aula especial de revisão. Em certo ponto a mestra, erguendo um quadro, mostra o tamandua que tanto impressionara, antes, toda a classe. Quer saber-lhe o nome Ninguém responde.

A mestra insiste. Continúa o silencio. Não havia quem se lembrasse mais.

Por fim, Zelita, da sua carteira, de olhos vivos e redondos, certa do triumpho, ergue uma das mãozinhas rosadas como suas faces, e diz, quebrando o silencio profundo: — Eu sei: «Bandeira de nossa patria».

TRECHO DE UM ROMANCE

PENALVA NETTO

Naquella manhã, Julião sentindo vontade de rever o lugar onde houvera passado a sua meninice, rumava ao casarão de Queimadas.

O engenho de Queimadas era situado apenas a treze kilometros da cidade; ainda que servido por uma estrada ampla e desbravada, deixava ao viandante não acostumado a grandes caminhadas o tédio e o aborrecimento.

Em caminho, ao tropel monotonico do animal, iam lhe vindo á memoria todas as phases de sua vida passada ali no engenho, a qual elle pouco e pouco ia evocando á medida que vencia a distancia.

De resto, aquillo lhe servia para tornar mais perto Queimadas e a saudade lhe era bôa companheira.

De repente, notou que naquelle adormecimento da alma, ao acordar da memoria, deixara o cavallo choutar, preguiçosamente, como se ao animal tambem tocasse aquella sensibilidade. A pouco trecho, entrava na Fazenda. A alvura da Casa Grande lhe apparece nos longes do horizonte como ponto branco perdido lá no alto da collina. E o coração lhe bateu com mais força. Foi então que se fez á larga estrada, ao galope do possante corcel.

O desordenado da marcha lhe põe termo aos devaneios da imaginação, e agora só um pensamento o governa, o de chegar quanto antes ao ponto de seu destino.

Alguns trabalhadores conhecidos, ao verem-no passar, descobriam-se respeitosa e, em breve, corria em todo o engenho a nova que «seu doutô» havia chegado.

Os menos broncos davam-se a dispares cogitações, qual a qual mais temeraria, sobre o movel daquella inesperada visita ao manso e resguardado

engenho de Queimadas, em cujas terras desde a morte de «sinha dona» ainda gente dos Ribas não houvera posto pés.

Seu proprietario, o coronel Licatão de Castro Ribas, talado de saudades, triste e rabugento, deixava-se ficar na

balhador, serviçal e honesto, sobretudo honesto, como rematava o coronel quando em familia lhe prodigalizava gabos.

Alliás, outra não era a impressão que todos guardavam do rude homem, a não ser um ou outro ambicioso que visava lhe succeder na administração.

Antes delle, quando o proprietario visitava a miude a Fazenda, era feitor um tyranno caboclo, auctoritario, de mãos bofes, de quem contavam horrores, homem-satyro que trazia Queimadas debaixo da mais torpe miseria. Nenhuma rapariga daquellas redondezas escapava ao duro holocausto de lhe offerecer a virgindade de sua carne pagã. Era essa uma das condições impostas aos sponsalicios locais. O thalamo conjugal haveria de ser maculado pela furia insaciavel daquelle desalmado.

As victimas emmudeciam com medo do desamparo, da expulsão, a sorte de andar de deo em deo, a perseguição, o horror, a morte, emfim.

Só por isso Salustiano gosava da bemquerencia dos aggregados que ainda amaldiçoavam a memoria do outro.

As duvidas, os temores, portanto, que a visita de Julião despertava na alma daquelle povo eram os mais dolorosos quanto se possam imaginar. Num instante viam-se já sob o jugo de outro administrador, no suplicio dantesco de castigos tragicos, barbaros e crueis.

Quem lhe veiu entregar a chave da casa grande foi Isabel, a filha do feitor, que toda vermelha e vexada bal-

Estrella allemã



OSSI OSWALDA

cidade em constantes preocupações politicas, ficando tudo aquillo entregue ao tino administrativo de «seu» Salustiano.

Joaquim Salustiano era um sujeito que chegara ali, accrescentavam sem eira nem beira e agora, possuia seus haveres: uma casa que até dava ares de chalet, um cavallo de sella e um rico capitalzinho, multiplicado em dias de feira na villa proxima, ao jogo da roleta, onde a sorte lhe era sempre propicia.

No ultimo era um bom homem, tra-

buciu umas palavras, dizendo que o pae estava no cannavial.

A fadiga da viagem não deixou que Julião attentasse bem na physionomia da moça. Rapido voltou para a casa antiga de sua infancia, que naquelle momento lhe fazia marejar os olhos de lagrimas, num despertar de reminiscencias confusas.

No silencio monacal daquelle taciturno casarão, abandonado e triste, a saudade lhe confrangeu o coração.

Comtudo, sentiu-se bem.

Os ultimos acontecimentos de sua existencia agitada de bohemio incorrigivel passada em noitadas dos cabarés, no lodaçal da mais prostibular convivencia, faziam com que procurasse um repouso e um definitivo afastamento, que lhe traria a vida simples e rustica da roça. Essa resolução, no entanto, fôra, por motivos reconditos e funestos presagios, vezes mais do que menos, veladamente, impedida pelo pae, que se não cançava de lhe aconselhar passeios á Europa, á Asia, á China, ao fim do mundo, comtanto que não deixasse o contacto da gente fina, que nos blinda e aprimora a educação. Uma excursão a esses centros super-civilizados era quanto bastava para o filho esquecer a paixão de certa tresloucada corista que o ia deitando a perder com desregrados e constantes caprichos.

Viajar era sempre melhor que se embrechar no meio de pessoas brancas sem o menor surto de cultura. Principalmente para um moço que ha bem pouco conquistára a laurea de bacharel em direito. E a tia, a devota dona Epiphania, chegou mesmo a chorar quando Julião lhe fez as despedidas. E só se tranquillizou quando o sobrinho lhe garantiu que não iria de uma vez se sepultar naquella solidão; voltaria logo que a saúde lhe ajudasse.

— Sim, que não escolhesse o «matto» por morada. Um rebento dos Ribas não se portaria assim. Nossa So-

nhora da Conceição que lhe fosse de companhia.

Emquanto Julião corria toda a casa, construindo mentalmente alguns apagados episodios de sua meninice, a voz grossa do administrador lhe veiu arrancar daquellas agridôces recordações.

O homem chegou entre alegre e desconfiado e foi sem mais aquella indagando que fazia «seu doutô» a navegar por aquelles ermos.



O outro respondeu que viéra descançar, doença, aborrecimentos da vida da cidade.

A pouca expansividade do bacharel, que era de si mesmo taciturno casmurro, para logo deixou no espirito de Salustiano a certeza de má prenunciação.

E, mais tarde, quando na casa do administrador, Julião entrou para jantar, foi recebido apenas com a cortezia simples da hospedagem do campo, de par com o respeito e a consideração que lhe deviam. Esta sombra de tristeza lhe não passou porém despercebida.

Até aquelles olhos negros e fascina-

â chegada, o fitavam agora com receio, espelhando uma alma que soffria.

O repasto correu triste. Sómente os deis homens tomaram logar á mesa servidos pela dona da casa e a filha, que se não descuidavam de servir o amo da melhor maneira.

Quando terminaram a refeição, ambos se encaminharam para o pateo da casa.

Os olhos de Julião se espraíram no concavo do céu onde o sol ao poente se afundava sob os cumulos alaranjados das nuvens.

Pela primeira vez, depois de homem feito, viu tal espectáculo e alguma coisa lhe penetrou a alma de commovedora e funda sensibilidade.

As arvores no silencio augusto da natureza, immoveis e quedas, lhe pareceram tomadas de santa religiosidade nas sombras imprecisas da noite, ao lusco-fusco daquelle fim de tarde.

E um montão de coisas lhe acudiu á memoria. Viu-se menino, ali, naquelle sítio, alegre e folgazão, como todos de sua idade. Rememorou o vulto sacrosanto de sua mãe complacente e triste, cobrindo-o de beijos e de affagos. Depois, pouco a pouco, lhe vieram vindo passagens ainda lembradas: a mãe morta quasi de repente, e o caixão num carro luxuoso levado á cidade numa clara manhã de agosto.

Uma lagrima lenta, comprida, lhe desceu pelos olhos, humedecendo-lhe o rosto magro e descorado.

Eh! seu doutô quem magina não casa, aventurou o administrador, intrigado com aquelle silencio.

Pouco mais, pretextando necessidade de descanso, Julião dirigiu-se só para a Casa Grande.

A noite desceu completamente. A paz do campo se fez de todo. De longe a longe, o céu se pontilhou de estrellas e os vagalumes começaram a illuminar com reverbéros de luz a escuridão do cannavial.

Na antiga casa de vivenda, Julião adormeceu cheio de uma suave e grande melancolia.

“ERA NOVA”

O que será a nossa edição extraordinária
commemorativa do Centenario

A direcção desta revista continúa a trabalhar com a mais intensa actividade no sentido de satisfazer plenamente o compromisso que assumiu com os seus leitores e com o publico parahybano em geral relativamente á edição especial deste magazine commemorativa do Centenario. Vamos dando a este emprehendimento, aliás muito superior ás nossas possibilidades materiaes, o melhor do nosso esforço e do nosso indolcissimol labor, a fim de que o vejamos coroado de todo o êxito possível.

Felizmente, e é o que nos anima, não nos tem faltado para isso a sympathia espontanea e incentivadora do povo da Parahyba, maximé das classes trabalhadoras e do commercio do nosso Estado. Merece também accentuado aqui o vivo carinho com que acolheu a nossa iniciativa o illustre chefe do executivo parahybano, doutor Solon de Lucena, cujo amável valiosíssimo vale já um grande conforto para nós.

Os trabalhos dessa nossa edição commemorativa do Centenario, a sahir a 15 de novembro proximo, numa honrariagem extensiva da Parahyba ao eminente patrio doctor Epitacio Pessoa, cujo mandato presidencial termina naquela data, já se acham bem adiantadas. Entre outras coisas de palpante interesse geral, daremos uma reportagem completa do que foram as festas do Centenario neste Estado, com a publicação de mais de 500 photographias. Estamparemos também, nesse numero, notas, gravuras e dados os mais seguros referentes ás nossas indus-trias, ao nosso commercio, enfim, a tudo que diz respeito ás condições economicas da Parahyba, bem como ao desenvolvimento material, nestes ultimos tempos, da nossa capital e do interior, com as obras federaes do nosso porto e outros serviços beneficiadores do nosso progresso.

Quanto á parte puramente literaria dessa edição, contamos com a collaboraçoão escolhida dos mais fulgurantes espiritos da Parahyba e de Pernambuco, notadamente, dos quaes alguns trabalhos já se acham em nosso poder. Podemos assegurar que são todas producções do mais apurado gosto e do mais raro prestigio literario, que vão proporcionar aos nossos leitores instantes de ineffavel prazer espirital.

Assim estamos certos de que *Era Nova* realizando esta empresa, terá conquistado a maior e a mais consoladora para si mesma das suas victorias.

“FULÔRÉIOS”

Já tivemos oportunidade de noticiar o successo de livraria do *Fulôreios*, de Mardekêo Nacre, um dos raros livros de versos da Parahyba que não ficaram dormindo á poeira das vitrines.

Digno de louvor é esse trabalho que assignala a victoriosa estreia do vale conterraneo. Unico no genero na literatura parahybana, forma entre os melhores da literatura brasileira pela arte, simpleza e espontaneidade com que foi laborado.

A lucta absorvente de Mardekêo Nacre, que é chefe de secção na Imprensa Official e do serviço tecnico desta revista, apenasmente lhe deixa mingudas horas de sueto que elle dedica á sua musa matota, sahindo, portanto, as suas composições folkloricas inteiramente de improviso.

Porahi se poderá fazer um seguro juizo do valor intellectual do bardô parahybano, que leva vantagens a outros trovadores do mesmo feitio, pelo desataviado da linguagem e hel interpretação das coisas e typos do sertão.

Pela auspiciosa publicação desse livro, que constitue um interessante florilegio em que a sua poderosa inventividade retrata a nossa vida regional, nos seus multifarios aspectos, tem Mardekêo Nacre recebido diversos cumprimentos de felicitação. Dentre estes destacamos um interessante soneto que lhe enviou illustre poeta patrio sob o pseudonymo de Zé.

OPINIÃES

*Seu Mardekêo, iscute as voiz do povo
Pra quem vossimintê um livro fêi;
Na Parahyba do Norte é o qui hai de nôvo...
Canta tão bôa assim, só aessa vô.*

*Seus verso sem igual contente eu lôvo,
Ninguém dia tam sabença e polidêi
Canta vancê as crôis. Eu só me nôvo
Si a lâzra me agardou, me sastifêi.*

*Seu Fizerêl, eu sei qui não me aguento;
Dêta fêi da pôvo o coraçôo
Qui leve na seu livro um alimento.*

*Nôis gostamo demais da inspiraçôo
Das "Fulôreios" — livro de talento,
Cajas gulêra pulo mundo irôo.*

ZÉ

Commissão de Saneamento e Prophylaxia Rural

Havendo viajado para o Rio de Janeiro o sr. dr. Accacio Pires, operoso chefe da Commissão de Saneamento e P. Rural, assumiu interinamente essas funcções o illustre clinico sr. dr. Pinheiro Sósinho.

Neste sentido s. s. endereçou-nos uma attenciosa communicação informando a sua investidura no cargo alludido, gentileza a que nos confessamos penhorados.

UM ROMANCE DE COSTUMES PARAHYBANOS

CAPITULO X

PENOSA REVELAÇÃO

Passados doze dias, por uma fulva tarde de domingo, na casa do tenente Castro Moraes, immediato da Escola de Aprendizes Marinheiros, Tobias travou relações com um certo senhor, que pelo nosso philosopho ruminava exponentanea e radicada antipathia.

O cortez official da marinha de guerra apresentara-o ao dr. Octaviano Valladares, que fôra cumprimentar a senhora Castro Moraes, cujo natalicio occorrera na vespera.

No curso da conversação o engenheiro affirmara não lhe ser, o apresentado, inteiramente desconhecido, «vira-o em Tambaú, pelo Natal». Falava fechando um olho e franzindo a testa, como se assim pudesse recuar a imaginação até essa temporada. Entretanto, o outro de nada se alevrava, e fazia um sincero trabalho mental, sem lograr reconstituir aquelle typo. Quería ser gentil, mas a memoria lhe escapava miseravelmente.

— Realmente, estive em Tambaú, umas poucas de vczes. Era tanta gente, tanta confusão... E o senhor esteve mesmo veraneando...?

Valladares interpretou essas titubeações como se foram negação do rapaz, em quem elle via um concorrente silencioso e temivel. Contento com o rumo da palestra que lhe parecia viavel e opportuna para desestimular o rival, aquella indagação deu uma resposta calculada:

— Não veranei em Tambaú, la todos os domingos... (Bocejando, e em tom de intimidade)... Ia gozar as obsequiosidades de uma familia amiga — do coronel Sampaio; não a conhece, dr.?

— Perdão, dr. Valladares... eu não sou formado.

O tenente Castro Moraes aconselhou:

— Ora, não leve a tal extremo o seu escrupulo! — (Accercando-se do dr. Valladares): — Pois, será medico em novembro!

Valladares esboçou um sorriso, e robusteceu a generosidade do sympathico official:

— Póde considerar-se doutor. Já é um titulo quasi adquirido... — Fez uma pausa, fitando com benevolencia o academico, e tornou a falar do coronel Sampaio: — E' uma familia amiga... Todos, dona Amanda, a Mercedes, a Gloria...

— *A Mercedes!... a Gloria!..* Repetiu sorridente, dona Didita, a senhora Castro Moraes com um semblante leve e intencional. (Tornando-se para os outros commensals): — Não póde falar sem emoção nas duas irmãs!...

— Não, não... Negou mollemente.

— Não, o que?! Apostrophou a gentil dama.

— Não póde mais occultar, dr. Valladares!

— Intimou o militar. — Todo o mundo já sabe.

Os seus compromissos já não são unicamente com a familia Sampaio; estão pertencendo também á sociedade...

— E'... ella me quer um pouco de bem... eu o sei...

Tobias ouvia a dialogação sério e livido, pasmado áquellas revelações. Felizmente, para elle, a palestra interrompeu-se nessa altura, com os accordes da *Margarida vai á fonte*, desferidos por uma orchestra ambulante de cegos, que se postára confronto ao bôco da Companhia. Eram uns seis robustos individuos, homens e mulheres, provavelmente de nacionalidade hespanhola.

Afluiram então ás janellas o casal Moraes e os dois amigos.

Depois, uma creança privada também da vista, e tendo por cicerone um glabro chimpanzê, correu a sacola. O molecorio, espantado com os esgares do mono, espalhou-se com algazarra. Naquelle quarterão, das janellas repletas, choveram muitas moedas. Dona Didita deu um nickel de cruzado. Da outra janella o dr. Valladares se excuzou assim:

— Você aqui na casa já ganhou... Ainda quer mais? (Deteve o olhar admirado sobre o pitheco): — Você não tem medo desse bicho, não?... Vô-te, como é feio!

— *Caramba!*... Resmungou o menino. E impelliu para adiante o irracional companheiro.

Entanto, os inditosos menestreis caminhavam lisongeando, melancolicamente, o patriotismo da assistencia com a nervosa *modinha* do *Santos Dumont é brasileiro*.

— Que macaco exotico! Exclamou dona Didita para o esposo, aferrolhando as venezianas. Com cara de gente!... Parece até com aquelle homem, seu Sebastiãozinho. Conhece, dr. Valladares, seu Sebastiãozinho, aquelle do jogo do bicho?...

— Se fôsse parente, garanto que não se recusaria tanto, — asseverou o dr. Valladares.

— Ha pessoas de saber, disse o tenente, interessando-se com a conversa, que affirmam que o macaco é parente proximo do homem.

Os convivas discretearam respeito a essas curiosidades physiognomicas e de intelligencia dos simios, de cuja especie eram os saguis, vagabundos das matas do Mandacará, da Penha e do Gramame, os unicos typos representativos do conhecimento do dr. Valladares. O official, bastante viajado, vira numerosas variedades nos museus de Berlim, de Londres, de Pariz, que possuem, do mundo, as colleções mais ricas em exemplares vivos e fossilizados.

— Cientistas de grande renome, completou Tobias, já com o chapéo á mão — affirmam que o homem descende em linha directa de uma familia ha muito extincta de monos.

— Eu acho... eu cá acho, — gaguejou o outro visitante, — que elle descende, mas é do macaco... com o papagaio. Do macaco herdou os pêllos da cara.

— Do macaco, a catadura! — Emendou o tenente.

Valladares concluiu: —... Do papagaio, a parlapatice...

Tobias não pôde sorrir ao parlapsão, e se retirou com o proposito de nunca mais encarar-o.

Mas, sahindo, levava a magua daquela imprevista revelação. «Que historia confusa seria essa de Mercedes» que acabara de ouvir. «Tão candida, ella». Conjecturava as coisas mais indecissas e pesadas. «Como o Valladares, com aquelle rosto sulcado e incolor, aquella falta de expressão, aquelle falar cambeteante, como poderia assim enternecer a Mercedes, tão espiritual lhe parecia ella?» E depois, «a sua corporencia mal enjorcada...»

O rapaz insinuou-se no ermo da rua Nova, silenciosa e mal illuminada. — «E se fosse ba-sofia?...» Occorrera-lhe a Tobias essa hypothese quando já se achava no adro da Matriz, varrido de uma continua e sibilante viração tropical.

«Sim, poderia ser pura pretensão daquelle pongo».

Até por volta das onze horas esteve assim engolfado nos raciocinios da sua pungente decepção.

Agora estava propenso a acreditar que era mesmo verdade, pois fôra dona Didita quem o dissera.

Tobias, sem se conter, relatou o occorrido ao mano Ricardo, mas acrescentando, pô-lo de quarentena:

— Com que proposito, então, essa creatura me sonda ha tanto tempo...?

Ricardo esboçou um riso canalha.

— Ora, consillou elle, — mais novo e mais es-carmentado, — pois, é assim mesmo... Entretanto um e outro. Se um escapar, fica o mais tôlo...

— Essa dualidade calculada repugna...

— Repugna, o que! exclamou o peralta. — E' o bom! Tomára que já se descubra um terceiro... não será mais uma dualidade, será uma tri... vialidade...

Tobias sorriu indulgente e quedou scismativo.

UM PINTOR

Ainda não ha muito Olivio Pinto me dizia, numa carta: «logo que melhorem os horizontes politicos de sua terra, irei ahi fazer a minha exposiçao».

Eu conhecia apenas Olivio Pinto pelas lisong-iras referencias a seu respeito que me fizera Antenor Navarro. Ora, Antenor Navarro é um estheta. Requentadamente estheta. E por isso eu ansiava por conhecer de perto a Arte de Olivio Pinto.

Não que esperasse nelle encontrar um já apurado mestre de pintura. Mas apenas para ainda uma vez julgar do quanto pode realizar o instincto artistico. Porque Olivio Pinto, que é ainda uma creança, não teve até hoje, como não t. vera Luiz da Costa, um mestre que o guiasse.

Assim, eu desejava conhecer os quadros de Olivio Pinto, não o nego, para medir a diferenca que devia haver entre a arte estilizada de um mestre e a arte quasi direi barbara de um advinho de talento.

O quadro unico de Olivio que me passara pelos olhos, «Uma ponta do Cabo Frio», trazia um céu admiravel. Mas só o céu. As aguas não tinham aquelle movimento impetuoso, que seria de desejar. De maneira que eu ficara entre indeciso, e desconfiado, e, sem que isso possa offender o senso esthético de Antenor Navarro, mais desconfiado que indeciso.

Pois um destes dias, quando trazia ainda nos olhos o deslumbramento duma visila que fizera ao atelier de



Mario Nunes, e observara a graça, o flagranté dos seus melhores quadros e que serão brevemente expostos entre nós, encontrei de novo a palavra de Olivio Pinto.

O novel pintor parahybano marcava o dia da sua exposiçao.

E fazia-o com tanta modestia, mostrando-se tão lemeroso, que conclui afinal que Antenor Navarro não se enganára. Esse rapaz tinha talento. Um absoluto talento. Aquella desconfianca das proprias possibilidades era o traço moral que eu sempre encontrara caracterisando as mais bellas expressões artisticas.

Não era de maneira nenhuma a modestia aparente, sob que se sente o orgulho desfaçador de hypotheticas qualidades de talento. Mas a simplicidade, o quasi temor, aquelle mesmo medo que tomava Cicero diante dos seus mais insignificantes ouvintes. E veiu o homem. E conheci que não me enganára.

Olivio Pinto está expondo quarenta e tantos quadros.

Quasi todos elles dizem da Parahyba—das suas formosas praias, dos seus poentes admiraveis, das suas longas e saudosas estradas. De quasi todo o visinho Estado do Norte, traz Olivio Pinto uma impressao de ordi-

PARAHYBANO

nario bem manchada e bem sentida. Nem vem a pêlo citar aqui alguns dos seus quadros, fazendo-os sobresahir como os melhores, que para isso me faltam as necessarias qualidades. A exposiçao vale, para mim, pela harmonia do conjuncto, resultante de harmonia de cada quadro. Seus quadros têm verdade e têm sentimento. E fica-se com franqueza pasmo em observar como é que um rapaz tendo apenas a guial-o o instincto, sem mestres, sem mesmo outros quadros que lhe podessem revelar a *manière* deste ou daquelle pintor, mais coherente com o seu sentir, conseguiu fazer tudo aquillo, tão pouco banal e tão profundamente real. E' que os talentos—permittam-me a acaciana verdade—irrompem naturalmente. A gente sente que aquillo não é de forma nenhuma a perfeiçao. Fôra até ocioso dizel-o. Mas a gente tambem sente que ha ali alguma cousa que prende, que seduz e que se não sabe ou se não pode dizer o que é.

Os quadros de Olivio Pinto ora expostos na Associação dos Empregados no Commercio, valem por esta qualidade, intraduzivel mas nem por isso menos aliciante e verdadeira.

O pintor deixa de ser «uma expressiva promessa» para logo se esboçar numa affirmaçao que desponta e a que só faltam os conselhos dum mestre experimentado.

Memorias de um antepassado

Capitulo III

O pesadêlo

Eu havia dito no capitulo anterior, se não me engano, que abri um livro para lêr. Creio que foi o Rei Lear. O leitor deve estar mais lembrado do que eu. Puz o olho nas letras e o pensamento em Filó. Já tentaste lêr um sujeito, leitor amigo, com o pensamento nalguma moça?

Se já o fizeste has de ter rematado a scena como eu: mandei Shakespeare descançar debaixo da cadeira e dei linha á imaginação. Neste pensar passei todo o dia de domingo a me arrastar da sala para o quarto, do quarto para o terraço, do terraço novamente para a sala. Nem por isso deixei de me alimentar bem. Comi como um bispo. A differença que havia entre mim e um bispo era que eu não era nem bispo nem cousa nenhuma. Cousa nenhuma, não: é um modo de falar. Eu era namorado de Filó e trazia commigo além de uma dentadura de ferro que muita gente não se farta de admirar, o viço e o privilegio de ter a idade que tinha. Sabem que idade eu tinha? Vinte annos. Esta idade mesmo no meu tempo não era para todo mundo. Quando digo todo mundo, é claro que só me refiro á gente macha. As meninas, essas, coitadinhas, cemeçavam a empacar aos dezoito. Dahi que chegassem aos vinte dava tempo á gente alcançar a casa dos trinta, descançar um bom pedaço e fazer viagem para a dos quarenta.

Por Deus, nosso Senhor, como eu já não sei mais aonde era que andava com o fio desta narrativa.

Puxa idéa daqui, puxa idéa dacolá, e como palavra é que sabe puzar palavra, vão se enchendo os capitulos em branco, falando-se de tudo e de nada, ou um nada de tudo, ou um tudo de nada, e quando menos se espera pode o leitor ficar encabufado ou embatucado eu mesmo pensando temerariamente que houve em tudo isto a intenção de o empulhar.

Votemos, porém, á vacca fria.

A' noite ceci como um hereje. Valha-me Deus, não sei que parecença ha entre um bispo e um hereje! Digo isto aqui porque sei que Erasmo não voltará á terra para fazer o Elogio dos medrosos ou dos convenientes. O que eu queria dizer era que havia ceado como gente grande.

Esta refeição já está por demais aburguezada. O que ha hoje em dia são uns almoços ajantados que tanto podem servir de alívio á bolça como de castigo ao estomago. Com este novo processo o individuo passa a comer uma vez por dia, mas quando se senta á mesa é mesmo para estourar a pança.

Reparei agora que este capitulo está se tor-

nando de uma gastronomia sem par. Se ainda vos não empanturrastes commigo, formosos creaturas que me estais a ler, podeis continuar que eu vos prometto sob minha palavra de honra não mais tratar de comidas nestas paginas. Eu mesmo já me vou indigestando.

Terminada a ceia fui me deitar. Pensei um pouco em Filó e amarrei no somno. Enquanto o corpo descançava todo mettido na tipóia que me foi apresentada pelo Aranha,—a historia dessa tipóia merece um capitulo á parte,—enquanto o corpo descançava como ia dizendo, o espirito viajava por lugares nunca dantes navegados por mim.

Delicias da Fazenda

*Maria, filha formosa
De um modesto fazendeiro,
E' lindo botão de rosa
De perfumado canteiro.*

*Sente-se ufana e vaidosa
Quando me vê presenteiro...
Diz á prima, (mentirosa)
Que sou seu "amar primeiro".*

*Um dia, em louro desejo,
Contracto pedi-lhe um beijo
Jurando querer-lhe bem.*

*Deu-me o beijo e depois disse,
Num certo tom de meiguice:
—Não conte nada a ninguém!*

C. NERY CAMELLO

Eu ia com Filó num trem de ferro. O sol fechava, preguiçosamente, as palpebras lá ao outro lado do horizonte. Se me perguntassem para onde nos botávamos, posso afirmar que não saberia responder. A viagem foi tão rapida que não tivemos tempo de conversar. Saltámos, na primeira estação e Filó foi quem me ensinou o caminho.

—E' por aqui; cale a boca e venha; temos casa e temos tudo.

Eu com ella iria até para o inferno. Fui entretanto para lugar peor. Entrámos num beco muito escuro e saímos noutro ainda mais deserto. Francaente que eu já ia sentindo umas coregas de curiosidade por tudo aquilo. Curiosidade ou medo? Enquanto o cavalheiro que me lê opina por uma das duas eu aproveito o momento para declarar a verdade. O que eu ia sentindo... Não; não digo. Se porventura entrar nestas paginas alguma ponta de malícia ou de entusiasmo genésico, é porque ella ha de estar no teu cerebro, leitor vadio, e não na minha penna.

Voltando ao que ia dizendo deixei-me ir guiado por Filó sem falar nem me rir. Como

estivesse fazendo muito escuro, fechei os olhos por um instante e mandei que as pernas cumprissem o seu officio. Fiquei commigo a devollas ao pensamento para saber aonde era que Filó queria me levar. Dei linha á imaginação e planeiei logo as delicias de uma noite de nupcias, numa casinha escondida e alegre, habitada apenas por nós dois. Vejamos sómente o que não poderiam fazer numa casinha assim, dois namorados plenos de amor e exuberantes de seiva! Eramos capazes de povoar uma nação. Entrementes outro pensamento me estragou o capitulo. Entrou a parafusa no meu cerebro com tanta força que se não saísse tão depressa me arrebentaria todas as moilas da cabeça. Del-lhe tão pequeno repellido que o bruto de atrevido e indiscreto que eu desleze-se no ar. Este peneta desejava saber de mim o porquê eu me achava alli com Filó.

Senão quando ouço um grande rumor que avança para mim á medida que marcho sobre elle. Abri os olhos e não vi mais Filó ao meu lado; fiz menção de correr para traz e as pernas não me ajudaram. Eram mesmo que duas estacas enterradas no chão. Nunca as senti tão pesadas em minha vida. Gritar não gritei porque a lingua estava maior do que a boca. Estarei sonhando, meu Deus! O negrume tornava-se cada vez mais denso e a zueira vinha vindo para cima de mim que parecia vir tangida por todos os diabos. No meio dessas aperturas, quatro negros, lisos como enguias e duros como calhaus, approximam-se de mim e me agarram e conduzem commigo e me metem dentro de uma prensa, de pernas e cabeça para cima, como se eu estivesse alli a formar uma meia lua. Feito isto um delles pôz sobre mim um tampão de madeira, um outro desceu sobre o tampão um parafuso de porca, o terceiro arrojou o parafuso com uma grossa trave e o quarto não tendo o que fazer começou a me dar sopapos no resto do corpo que ainda existia em liberdade. Esbugalhei então os olhos e, creio mesmo, ia a perder os sentidos duma vez quando acordei inteiramente suado. Passei todo o resto da noite com o estomago impando e quasi bato da bota com um embaraço gastrico que me acamou por uma porção de dias.

Da Silva e Mello

O pseudonymo Da Silva e Mello occulta o nome de distincto e conhecido intellectual patrio, que trabalha agora na feitura desse romance de fino humor e estilo á Machado de Assis, cujo terceiro capitulo damos hoje nesta pagina. Temos certeza de que, c.m. a continuação desse trabalho, apresentamos em cada numero um saboroso prato para gaudío espiritual dos nossos intelligentes leitores.

DR. JOSE' AMERICO DE ALMEIDA

Registamos com a mais sincera alegria o acto presidencial de s. exc. o sr. doutor Selos de Lucena nomeando Procurador Geral do Estado o illustre doutor José Americo de Almeida, espirito esclarecido e brilhante, que, de ha muito, se impoz á admiração de toda a Parahyba, pelos seus doctes intellectuaes e pelas suas altas virtudes moraes.

O govêrno do Estado não podia andar mais acertadamente, porque a escolha do doutor José de Almeida para aquelle elevado cargo da magistratura estadual, que elle já vem exercendo ha nove annos, com o mais raro descurino, representa, antes de mais nada, um gesto muito nobre de justiça a que faz jús o magistrado integro e culto que é hoje um dos vultos de maior notoriedade do nosso meio, como jurista dos mais acatados e como escriptor dos de maior prestigio.

Nós, os da «Era Nova», que nos ufanamos de ter em José de Almeida, um mestre muito querido a nos guiar com o seu espirito de escól, e um amigo sempre a prodigalizar connosco a bondade de seu coração, sentimos assim, um jubão muito particular por ver mais uma vez victoriosos os meritos que exornam a sua personalidade.



“NA CÔRTE DE D. BIO”

HORACIO DE ALMEIDA

Arthur Minuz, prefaciando o livro de Sacy Pererê entra, sem mais preambulos, a declarar que o não leu.

A veia de «chocante humorismo» que elle attribue ao autor, eu não sei em qual dos dois é mais accentuada. São rebentos respeitaveis de uma geração que começa a victoriar, estrondosamente, ao alvorecer de sua existencia.

Os pseudonymos de S. Pererê e Arthur Minuz occultam os nomes de dois jovens belletristas muito nosso conhecidos e não menos considerados, pelos seus proprios valores, no seio da intellectualidade pernambucana, onde militam. Uma das facêtas mais caracteristicas do talento de cada um consiste essencialmente no sarcasmo,

vulgo semi-letrado e duramente opinatico no seu peruviano senso critico.

O livro de Sacy não é uma obra de reflexões. É antes uma obra de galhofas e de ensaios intellectuaes. Rigorosamente, não convém chamá-lo de livro. É um pamphleto de chronicas ligeiras e picantes. Isto, porém, não traz importancia ao caso. O que traz importancia ao caso é o conteúdo que essas paginas possam encerrar. Considero-as como umas das mais interessantes que tenho lido nestes ultimos tempos.

Sem falar na «Historia do Brasil pelo Methodo Confuso», na qual Madeira de Freitas se desfarça na pessoa imaginaria de Mendes Fradique para dar largas ao seu espirito, foi no livrinho de Pererê, em particular,

encantadora do estilo que é o adubo das literaturas de todas as linguas.

Mesmissimamente, assim, o affirma Arthur Minuz, em seu prefacio, lembrando as palavras de Lemaitre. Já se vê que a idéa não é nova. Nem eu a disse como descoberta minha, que disto não cuido por duas razões poderosissimas: A primeira é que podemos emendar a lei de Lavoisier e applical-a do modo seguinte:—em literatura nada se inventa, tudo se modifica. —A segunda, esta é de uma infallibilidade papal, é que, quando qualquer individuo começa a se preocupar por fazer descobertas ou crear originalidades no scenario das letras é porque elle já tem no bolso o passe de ida para alguma tamarineira. Tem sido esta a pica-a'oo modo seguinte:—em litera-

Vou voltar ao assumpto antes que o leitor, se porventura o ha, se apres- se em deixar-me no meio desta chro- niqueta de corrida.

Não me corro de fugir á massada, como bem o nota Sacy, de formular opinião sobre a leitura de um livro que ainda não teve o *veredictum* da opinião publica.

Faça-o quem tiver autoridade mais confirmada e souber traçar juizo ou apresentação mais condigno.

Sei de mim que li de uma assenta- da o opusculo da Côrte de D. Bio e muito me satisfiz com a sua leitura. E' quanto basta. Agradando-me a mim pouco se me dá que não agrade aos outros. Não tenho outro juizo a res- peito dos livros que leio.

O de Sacy é feito num estilo suave e attraente, quasi vaporoso, cheirando um pouco a Machado de Assis e muito mais a Ozorio Borba.

Aqui, eu peço licença ao fogoso belletrista Lins do Rego para me va- ler das asserções que, por seu man- do, diz Minuz a respeito de tal obra, posto que nada de novo me acode ao bico da penna para dizer della.

Já me vou arrependendo só por ter imaginado descambar para ess'outro terreno de analyses. Tenho receios de ficar emmaranhado num cipoal de di- ficuldades. Melhor será a gente andar pelos acêros. E' o que vou fazer por ser menos perigosa a saída.

O proprio prefaciador não se devia ter visto muito desafogadamente quan- to teve de apreciar um livro «que não tem romance, nem novella, nem im- pressões de viagem de Manoel Arão, em *Traições á Lingua Portuguesa* do prof. Renato de Alencar», nem En-aios e Conferencias de José Euclides, nem *Maria da Gloria* de Alcides Zerra, nem a *Fome* de Adhemar Vi- lal, nem nenhum outro assumpto es- crito de philosophia. As chronicas da Côrte de D. Bio não são nada do que ficou dito atraz, mas têm a van- dade de desopilar e, conforme a na-

tureza ou temperamento do leitor, des- pertar-lhe o riso.

Nota-se-lhe ainda a literatura de ficção em que se photographa e se ana- lisa o individuo ou o meio em que elle



Senhorita JULIETA ARAÚJO, de alta sociedade de Cabaceiras.

actúa, ou ambas as cousas ao mesmo tempo e sob os seus multiplos aspe- ctos. São caricaturas chronologicas em que se levam numa epopéa de ridiculo figurões de varios feitiços e de posi- ções diversas.

A trama desse enrêdo desenredado é que, talvez, nem todos a compre- endam. Machado de Assis, pouquis- simas vezes, diz, claramente dito, o que quer dizer. De commum fere o assumpto e foge logo delle, proposita- damente, appellando para a subtilidade da intelligencia do leitor.

Se tu caíres na tolice de lêr este trabalho, Ozorio Borba, eu me rio gos- tosamente commigo pela tua decepção com tamanha xaropada. E' a maior vin-

gança que posso tomar das massadas recebidas e sem desabafo. Não me vingo de ti; vingó-me em ti. E' lei divina e humana, sobretudo absurda, pagarem os innocentes pelos culpados.

Não sou eu quem vae soffrer ás tuas custas, tu é que, em m'ó ler, me has de pagar pela mesma moeda as estoupadas que tenho tomado com leituras horribeis de literatos comato- sos.

"ERA NOVA"

O sr. José Rodrigues de Carvalho Filho tem poderes especiaes para promover a propaganda desta revista na vizinha capital sulina.

Esperamos que os nossos amigos de Recife acolham com sympathia o academico Rodrigues de Carvalho Filho, que é um moço digno pelas qualidades moraes que cercam a sua personalidade.

Seguiu para o interior do Estado, a fim de tratar dos interesses da "Era Nova", o sr. Manuel Egydio do Nascimento.

E' de crer que o nosso representante con- tinua a ser recebido pelos nossos estimaveis clientes com a mesma sympathia que sempre lhes merecemos.

Dr. Lindolpho Pessôa

Esteve nesta ultima quinzena nesta capital o prestigioso deputado paraná- ense dr. Lindolpho Pessôa.

O illustre congressista, que é para- hybano de nascimento, viera ao seu Estado natal em visita de curta demo- ra, afim de rever pessôas de sua fami- lia e de suas relações pessoases.

O sr. dr. Lindolpho Pessôa deu-nos a honra de sua visita; palestrando so- bre homens e cousas da Parahyba, donde levava a mais grata impressão, teve neste assumpto palavras de elo- gio para os que fazem *Era Nova*, pelos triumphos que vae lá fóra alcançando o nosso modesto magazzino.

Ao embarque do distincto parahy- bano estiveram presentes muitos de seus velhos amigos que lhe foram le- var os ultimos adeuses.

Era Nova levou as suas despedi- das ao illustre poltico por intermedio do nosso director S. Guimarães Sobri- nho, que é tambem seu amigo particular.



"ERA NOVA"
EM GUARABIRA

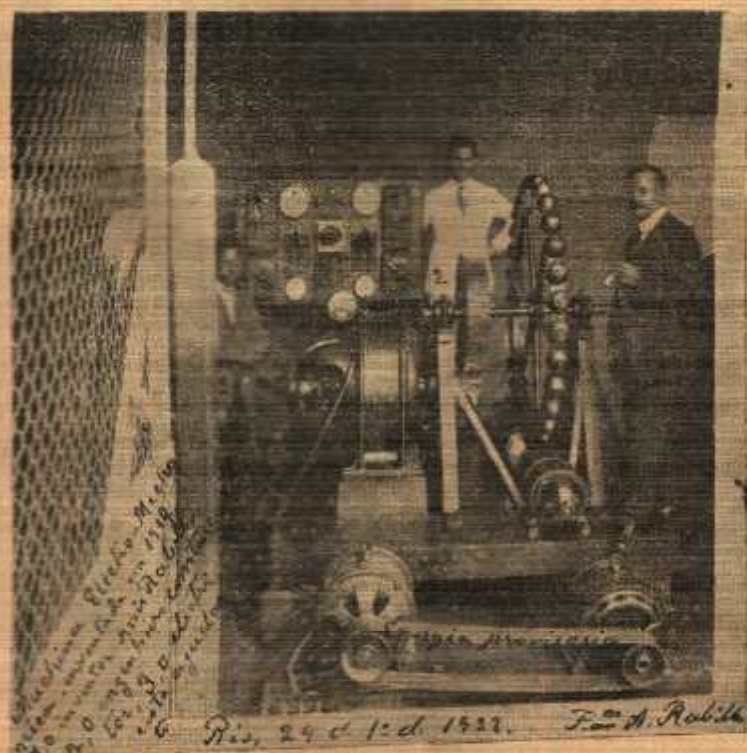


Os clichés desta pagina representam o sr. Francisco de Assis Rabello e a machina de seu invento a que elle denominou «Machina Electro Mechanica».

Esse aparelho serve-se das proprias energias para o seu funcionamento, segundo informações de seu auctor, que já conseguiu fazer na capital do paiz diversas experiencias.

Merece sempre applausos toda e qualquer iniciativa que haja de desenvolver o progresso nacional. Devemos estimulal-as e ajudal-as a se tornarem realidade.

Fazemos votos por que dentro em breve o nosso patriocio tenha de ver a objectivação de seu intento como premio á sua operosidade, o qual constituirá grande progresso para engenharia moderna.



Machina Electro-Mechanica
de Francisco de Assis Rabello
Rio de Janeiro, 29 de 1.º de 1922.
F. de A. Rabello

Rio, 29 de 1.º de 1922. F. de A. Rabello

NOTAS ELEGANTES

Bilhete

Gentil melindrosa: Não se zangue si sou indiscreto mandando-lhe este bilhete aqui.

Não tenha medo. Não esreverei o seu nome. Só você saberá que é seu este bilhete. E ouça-me com o coração socegado.

Lembra-se da ultima vez que nos vimos? Não se lembra, aposto. Ora, daquelle dia, ou melhor daquelle linda noite da kermesse do Passeeo Publico para cá, já o seu espiritosinho leviano teve demais tempo para me esquecer, para esquecer outros que viéram depois e já se estar lembrando de outros que não — de vir . . . Não se melindre, mademoiselle, mas — que fazer? — todas vocês são assim, e desgraçado de quem fica com saudade do instante em que as viu, com saudade e com o vulto de vocês dentro dos olhos . . . Lindas, mas perversas vo és! Tem-se porém, prazer deste tormento. Creia, eu sou assim. Fiquei doido por esse scusolhos, mas você nem pensa mais em mim, e eu não tenho um minuto que não seja para recordar a graça do seu vulto esguio e esvoaçante, quasi a levantar vôo para o céu, naquelle noite em que eu olhei esses seus olhos maravilhosos, bebendo *champagne* servido por você, por essas suas mãos (que já são quasi uma carícia lenta e indefinida), no Pavilhão da Assistencia á Infancia. E como soffro desde lá . . . X.

A gentil senhorita A. N. não esteve domingo na Praça. Por isso que o seu terrível *rapazinho* no outro dia não foi, como de costume, encontrá-la com aquelle infallível ramo de flores, quando ella ia para a aula de piano...

Nas *soirées* do Morse squelle par de jovens namorados não vê os *films*, mas faz tanta fita, meu Deus!

O joven almofadinha A. M. F. anda agora com um ar de desconção que toda gente nota. Coitado! Todo o seu desastre com a *menina* foram aquelles desmedidos óculos de tartaruga . . .

Aquella creatura que todas as tardes está na balustrada das Trincheiras, embevecida na contemplação daquelles crepusculos maravilhosos, parece um ser exilado da terra. Alongando os seus olhos pelo horizonte, como que procura alguém que se foi e não quer voltar..

O entusiasta *sportman* do Rêmo anda num atordamento medonho. Apote, sim, está prezo. E bem prezo . . .

Passa na data de hoje o anniversario natalicio do nosso distincto collaborador, sr. dr. João Pinto Pessoa, sub director dos Telegraphos Nacionaes e figura de relêvo na intellectualidade do norte do paiz.

O illustre anniversariante, que publicará nestes dias o seu excellente livro *Selva Selvagem*, do qual "Era Nova" já por diversas vezes tem editado alguns trabalhos, receberá com certeza, pela sua auspiciosa ephemeride natalicia, copiosos cumprimentos.

Enviamos ao dr. João Pinto Pessoa as nossas effusivas saudações.



Capido em fúrias contra os almofadinhos...

DIA 3 — Mlle. Marluce Falcão, alumna da Escola Normal e filha dilecta do dr. Americo Falcão, director da Bibliotheca Publica e collaborador desta revista.

Ocorre na mesma data o natalicio da gentil senhorita Nininha Norath, ornamento dos mais pre-lijiosos e distinctos do meio social parahybano.

DIA 4 — Mlle. Lucila Caçador, professoranda pela Escola Normal e filha de mme. Aquilina Caçador, proprietaria nesta capital.

A graciosa menina Maria Leocília, filhinha do cel. Elvidio de Andrade, commerciante nesta praça.

Cel. João Candido Duarte, guarda-livros da casa Iona & C. desta cidade.

DIA 6 — Cel. Manoel de Oliveira Basto, chefe da conceituada firma commercial Carvalho Basto & C^{as}.

DIA 7 — Mlle. Beatriz O. Lima, professora da Escola Normal e filha do dr. Lindolpho G. Lima, director do Lyceu Parahybano.

DIA 8 — Dr. Octavio Novaes, integro juiz de direito de Alagôas do Monteiro e figura representativa na magistratura parahybana.

DIA 9 — Cel. Oreste Cunha, do alto commercio desta cidade.

DIA 13 — Mlle. Dulcelina de Albuquerque, filha do illustre sr. dr. Octavio de Albuquerque leader da bancada parahybana na Camera Federal.

Mme. Irene Pinto Otto, consorte do sr. Waldemar Pinto Otto, da casa Kröck & C^{as} desta praça.

DR. ALPHÉU DOMINGUES — Para a metropole do paiz embarcou-se no dia 20 do mez homem finco o nosso prezido collaborador engenheiro-agronomo Alpheu Domingues, funcionario do Ministerio da Agricultura e um dos mais esmerçados directores da nossa confraria "Parahyba Agricola".

A s. s. cuja permanencia na Capital Federal será de cerca de um mez, almejamso que houvesse realizado optima travessia e obtenha franco exito nos negocios que o levaram até o Rio.

ESPONSAES

Estão noivos na cidade de Bananeiras o nosso prezido e laborador sr. Pedro de Almeida, director do Instituto Bananeirense, modesto educandario aquella aprisivel cidade, e a senhora Eulma Rocha.

O sr. Pedro de Almeida é pertencente á illustre familia arciense e a senhora Eulma é gracioso rebento da conhecida familia Rocha, que vem presedentes tradicoes naquelle florestante cidade serrana.

Essa auspiciosa promessa ajustada entre esses jovens, veio entrelacar duas familias distinctas deste Estado, reflectindo por isso mesmo, na elegante sociedade bananeirense e desta capital de um modo muito liougeiro.

Felicitemos os jovens promettidos.

Constituiu a nota elegante desta quinza o contracto nupcial do sr. João Regis de Amorim com a senhora Aurea Regis.

O sr. João Regis de Amorim pertence ao alto commercio desta praça, sendo um dos socios componentes da conceituada firma Ferreira Amorim & C^{as}.

A sua gentilissima promettida faz parte da fina flor da nossa sociedade e é filha do sr. cel. Severino Regis, capitalista residente nesta cidade.

Assim, pois, esses esponsaes se celebram sob os me-hores agoiros, pelo que parabenizamos o dicitino...

CARLOS D. FERNANDES

LIVRO DAS PARCAS

A VENDA NA CASA ANDRADE

CASA KODAK

Artigos para Photographia,
Machinas, Cartões, Chapas,
Drogas e Papeis.

*A photographia está a mão de todos,
até creanças pôdem hoje, com
as machinas novas, tirar retratos,
e manipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A coisa mais agradável para os parentes pos-
suir retratos de seus filhos desde
primeira infancia.

A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de
todos os Films e Chapas por preços módicos.

CAIXA POSTAL - 19
RUA MACIEL PINHEIRO N. 29
PARAHYBA DO NORTE

Ford

O AUTO UNIVERSAL

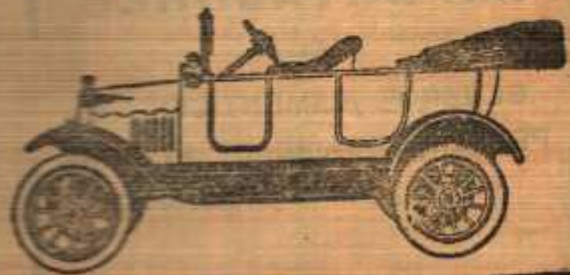
Fornas 5 passageiros	5.500\$
Combustão classic	5.400\$
Tractor, Fordson	8.000\$

Officina completa para concerto
e estufa para pintar

Venda de peças legitimas FORD

Agencia Ford—MONTEATH & C.

Filial Parahyba — RUA MACIEL PINHEIRO



ANTONIO BOTTO Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, acci-
tando trabalhos para o Interior.
Expediente das 10 da' 10 horas

ESCRITORIO NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GROSSO

Rua Maciel Pinheiro □ Parahyba do Norte

A ATTRACTIVA

RUA MACIEL PINHEIRO, 190.

Chapécs para senhoras e creanças

Giovanny Ponzi

PARAHYBA DO NORTE

MERCEARIA MODELO

(FILIAL DE PEREIRA ALMEIDA & C.º)

IMPORTADORES

DE

* GÊNEROS ALIMENTÍCIOS DE *
PRIMEIRA QUALIDADE, BEBIDAS
FINAS, CONSERVAS, ETC.

RUA MACIEL PINHEIRO, N. 123

Telephone, 250.

PARAHYBA

ELIXIR DE CANINANA E JURUBEBA

FORMULADO E PREPARADO PELO PHARMACÊUTICO
OVIDIO DUARTE DOS SANTOS LIMA

Cura, com valor:

Rheumatismo, feridas gommosas, ulceras antigas e recentes, dartharos, empingens, sarnas, fistulas, escrophulas, tumores, adormecimentos dos membros e qualquer molstia de origem syphilitica.

É a ultima palavra em depurativo!...

Está registrado na Junta de Hygiene e Associação Commercial do Estado, e depositado na Junta Commercial da Capital Federal.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!...

Vende-se em todas as boas Pharmacias

DEPOSITO GERAL — PHARMACIA SANTOS
SERRARIA

Dapósito na Capital — Drogaria Pessoa

LOTERIA DE SANTA CATHARINA

MODELADA PELA LOTERIA DO RIO GRANDE DO SUL
UNICA QUE DISTRIBUE 75% EM PREMIO
PREMIOS MAIORES:

30, 50 e 100 CONTOS DE RÉIS.

Por \$5000, 11\$500 e 23\$000 respectivamente

Extracções semanaes

Em urnas de crystal e bolas numeradas por inteiro, em movimento continuo, por motor electrico.

Os bilhetes de 30 e 50 contos são divididos em decimos e os de 100 contos em vigessimos

Todos os bilhetes jogam com 15 milhao — Bilhetes á venda em toda parte.

Administração — RUA DEODORO, 14. — Florianopolis.

Os concessionarios — **La Porta & Visconti**

Socio-gerente ANGELO M. LA PORTA, ex-socio-gerente da Loteria do Rio Grande do Sul.

N. B. — Nas localidades que não estão os bilhetes á venda poderão ser adquiridos por intermedio de Bancos os quaes comprão os bilhetes communicando as partes a respectivo numero, ou remettendo a esta administração a respectiva importância e mais 1\$000 para o porte

CASA POPULAR
de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miud-zas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chapéus de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, phacelias, cretonas, mocins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. - Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.
Filiaes: Rua da Republica ns. 654 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAIL BANO **GUARABIRA**



FILIAL EM PARAHYBA:
7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Completo sortimento de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha

GRANDE EMPORIO

de chapéus, de todas as qualidades, para homens e crianças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em gravatas, collarinhos, meias, camisas e perfumes.

Depositarios dos melhores fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 - Parahyba

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA
E
PERFEIÇÃO

II

ULTIMA MODA

II

Sob a direcção criteriosa de habéis cortadores italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Finheiro - 176 e 180
PARAHYBA DO NORTE

LEGITIMOS

Bandolins Napolitanos

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

— DE —

VICENTE RATTACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro N. 163

"A ELITE"

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro - 211

PARAHYBA

QUER SER FELIZ?

TODOS OS SEUS DESEJOS SERÃO REALIZADOS EM MENOS DE OITO DIAS!

Terá sorte no jogo, loterias, amor, empregos, commercio, viagens, exames, concursos, amizades, bom casamento, reconciliações com esposas, amantes e inimigos.

Enviar o nome e endereço com envelope sellado para resposta.

PEDIR Á CAIXA POSTAL, 38.

ESTADO DO RIO-NICTHEROY.

Tenha pena de sua esposa
e de seus filhos

Tome o ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 crianças nascem mortas quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR "914". 95% dos abortos provêm da syphilis. O ELIXIR "914" evita os abortos. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR "914" é um tónico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar a syphilis sem injecções e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR "914". O ELIXIR "914" é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contem iodureto. Agravel como um licor.

Depositarios: GALVÃO & Cia.

AVENIDA S. JOÃO N. 145

S. PAULO

NÃO HA MAIS MORTES

EM CONSEQUENCIA DE HEMORRHAGIAS
NOS PARTOS TOMANDO A

"Fluxo-sedatina"

15 dias antes de dar a luz. Evita as dores dos partos, corta as hemorragias antes e *post-partum*. Cura colicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doenças do Utero, Flores Brancas, Inflamações dos ovarios, Suspensão das regras e todos os males que atacam a mulher. A «FLUXO-SEDATINA» é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brasil.

Recommenda-se aos medicos e parteiras.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

Depositarios: GALVÃO & C.^{IA}

Av. São João, n. 145.

S. PAULO